

**Literatura e pensamento na
encruzilhada: caminhos abertos
por Esmeralda Ribeiro**

Literature and thought at the encruzilhada:
Esmeralda Ribeiro paves the way

Literatura y pensamiento en la encrucijada: caminos
abiertos por Esmeralda Ribeiro

Maria Clara Martins Cavalcanti¹

 [0000-0002-7279-4765](https://orcid.org/0000-0002-7279-4765)

Resumo: Este artigo tem como intenção apresentar e historicizar a literatura e a trajetória intelectual de Esmeralda Ribeiro. A escritora e coordenadora do *Quilombhoje* é autora de dezenas de contos e poesias, publicados majoritariamente - mas não só - na antologia *Cadernos Negros*, inaugurada em 1978. Pretende-se, portanto, apresentar um panorama amplo de suas publicações e trajetória, assim como percorrer os caminhos (intelectuais e políticos) abertos por seus textos e ativismo. Ademais, esta pesquisa pensa junto com Esmeralda a imaginação da *encruzilhada* como ideia/prática política e epistemológica de mobilização dos saberes, lugar de onde partir para pensar as relações entre gênero, raça, classe, sexualidade, etc., na pesquisa e nas poéticas/políticas do cotidiano.

Palavras-chave: Literatura. Gênero. Raça. Esmeralda Ribeiro. Cadernos Negros.

Abstract: This article intends to present and historicize the literature and intellectual trajectory of Esmeralda Ribeiro. The writer and coordinator of *Quilombhoje* has authored dozens of short stories and poems, primarily - but not exclusively - published in the anthology *Cadernos Negros*, inaugurated in 1978. The aim is, therefore, to provide a broad overview of her publications and trajectory, as well as to explore the paths (intellectual and political) opened by her texts and activism. Moreover, this research engages with Esmeralda in envisioning the *encruzilhada* as a political and epistemological concept for mobilizing knowledge, a point of departure for contemplating the intersections between gender, race, class, sexuality, etc., in research and the poetics/politics of everyday life.

Keywords: Literature. Gender. Race. Esmeralda Ribeiro. Black Notebooks.

Resumen: Este artículo tiene la intención de presentar e historizar la literatura y la trayectoria intelectual de Esmeralda Ribeiro. La escritora y coordinadora de *Quilombhoje* es autora de decenas de cuentos y poesías, publicados principalmente, aunque no exclusivamente, en la antología *Cadernos Negros*, inaugurada en 1978. El objetivo es, por lo tanto, ofrecer una visión amplia de sus publicaciones y trayectoria, así como recorrer los caminos (intelectuales y políticos) abiertos por sus textos y activismo. Además, esta investigación piensa junto con Esmeralda en la imaginación de la encrucijada como concepto político y epistemológico para movilizar el conocimiento, un lugar desde donde pensar las relaciones entre género, raza, clase, sexualidad, etc., en la investigación y en las poéticas/políticas de la vida cotidiana.

Palabras-clave: Literatura. Género. Raza. Esmeralda Ribeiro. Cuadernos Negros.

¹ Doutoranda em História Política na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, com bolsa financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ. Lattes: [1061680916999513](https://lattes.cnpq.br/1061680916999513) - E-mail: mamartinscavalcanti@gmail.com.



Introdução

Pensar o pensamento geralmente significa retirar-se para um lugar sem dimensão, onde apenas a ideia do pensamento se obstina. Mas o pensamento realmente se espaça pelo mundo. Ele informa o imaginário dos povos, suas poéticas diversas que ele, por sua vez, transforma, ou seja, nas quais seu risco se realiza.
[...]

O pensamento traça o imaginário do passado: um saber em devir. Não se pode interrompê-lo para avaliá-lo, nem isolá-lo para difundi-lo. Ele é partilha, da qual ninguém pode se separar e da qual ninguém pode, parando, tirar proveito
(Glissant, 2021, p. 23).

Entre tantas ideias - não lineares, erráticas, filosóficas - propostas por Édouard Glissant em seu *Poética da Relação* (2021), as primeiras frases do livro, reproduzidas acima, se dedicam a introduzir o pensamento não como algo estático, estritamente racional, mas sim corporificado, construído na relação: partilha entre corpo, mente e espírito. As provocações de Glissant nos permitem observar os campos em que se envereda a criação - artística, literária e afins - e pensar tanto em seus processos de exclusão quanto nos desvios criados pela cultura diaspórica para subverter os regimes de poder que antecedem e são reproduzidos nestes sistemas. Interessa a este texto suas elucubrações sobre o pensamento e como ele se espaça pelo mundo, impossibilitando que o pensemos apenas circunscrito nele próprio, possibilitando acessos aos imaginários sociais elaborados no tempo, assim como ao que se projeta para o futuro: “um saber em devir” (Glissant, 2021, p. 54). Portanto, este artigo parte da ideia de que o pensamento é partilha, se espaça pelo mundo, é errático e se constrói na Relação (Glissant, 2021). O movimento proposto aqui é o de “pensar o pensamento”, observando-o não isoladamente, mas em suas possibilidades de leitura e proposta de mundo.

Na intenção de “pensar o pensamento” da escritora Esmeralda Ribeiro, este texto se propõe a apresentá-la em sua trajetória como escritora e ativista, engajada na escrita de contos e poesias assim como na edição e publicação da antologia *Cadernos Negros*, há mais de quatro décadas. Para tal empreendimento, dois caminhos principais foram perseguidos, resultando em fontes de naturezas distintas. As primeiras tratam-se de conversas² estabelecidas com Esmeralda e da análise de fontes bibliográficas, dedicadas a analisar sua obra e os *Cadernos Negros*. Estas conversas foram estabelecidas entre os anos de 2022 e 2023, tanto presencialmente quanto virtualmente, e tiveram como objetivo tecer registros de

² Entendo aqui *conversas* a partir do proposto pelos *Estudos nos/dos/com os cotidianos*, em diálogo com Tiago Ribeiro, Rafael de Souza & Carmen Sanches Sampaio (2018) e Nilda Alves (2008). Partindo da premissa teórica e prática deste tipo de metodologia, as conversas com Esmeralda foram realizadas sem um roteiro fechado, com temas disparadores, buscando tecer a narrativa a partir do que se apresentava importante para ela e para mim.



memória em torno das formas com que Esmeralda narra a si própria, sua literatura, a trajetória dos Cadernos Negros e afins. Por isso, a primeira parte deste texto se empenha em historicizar sua trajetória, construindo conexões que nos permitam contextualizar a elaboração de seu pensamento.

Ademais das conversas, são fontes importantes aqui as obras literárias - contos e poesias - publicadas por Esmeralda Ribeiro na antologia *Cadernos Negros* desde 1982 até hoje. Esses textos foram localizados em buscas nos acervos de bibliotecas como a Mário de Andrade (São Paulo - SP), o Centro Cultural São Paulo (São Paulo - SP), Biblioteca Octavio Ianni - IFCH/UNICAMP e Biblioteca Antônio Cândido - IEL/UNICAMP, principalmente. Dessa forma, a segunda parte deste texto propõe apresentar resultados parciais³ do mapeamento da escrita de Esmeralda Ribeiro nos últimos quarenta anos, apresentando suas principais publicações, períodos de escrita, temas abordados e afins. A intenção desse mapeamento é construir não só um panorama geral da sua obra, confirmando sua consistência e complexidade, como também ampliar a divulgação sobre a existência destes textos para futuras/es/os pesquisadoras/es. Por fim, este artigo propõe ainda, a partir da análise do conto *Encruzilhada* (2005) de Esmeralda Ribeiro, colocá-la em diálogo com outras escritoras negras e afiançar a utilização da prática/ideia de *encruzilhada* como proposta epistemológica mobilizadora para a produção de conhecimento sobre gênero, raça, classe, sexualidade e afins.

É preciso considerar que o imaginário “por trás” da ideia de “intelectual” ou “pensador” é marcado pela branquitude e o patriarcado. Como bem afirma bell hooks (1995), o conceito ocidental racista/sexista sobre quem pode ser considerado “intelectual” no *corpus* social têm impedido, historicamente, o reconhecimento de mulheres negras como produtoras de conhecimento: filosófico, histórico, geográfico, literário e afins. Inclusive, hooks (1995) lembra ainda como, por mais que tenham ocupado um extenso papel como professoras, cuidadoras, líderes familiares e comunitárias, estas mulheres não foram entendidas como intelectuais:

É o conceito ocidental sexista/racista de quem é o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca

³ A grande maioria dos textos da escritora estão na antologia *Cadernos Negros*. Entretanto, uma série de contos e poesias foram publicados em outras antologias, essas de mais difícil acesso. Dos 44 volumes de *Cadernos Negros* publicados desde 1978, não tive acesso a cinco deles (2002, 2006, 2008, 2013 e 2016).



toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente e tornar o domínio intelectual um lugar interdito (hooks, 1995, p. 468).

Segundo a autora, há muitos indícios dos efeitos do patriarcado capitalista e racista na produção das ausências femininas negras no espaço da escrita e da intelectualidade. Os motivos desta ausência vão ainda dos mais óbvios (as condições materiais, o racismo, o machismo, a opressão de classe), até os mais subjetivos (como as lutas internas que travam as mulheres negras para ganhar a confiança necessária para escrever). Mergulhada nesse cenário, a escrita de mulheres negras torna-se, portanto, um “ato de coragem - um ato de risco e ousadia” (hooks, 2019, p. 31) Diante de um patriarcado que insiste em negar o *status* de intelectuais a estas mulheres, elas historicamente galgaram espaços, encontraram palavras para elaborações e reelaborações literárias, tencionaram aquilo que estava posto sobre o gênero, a raça, a classe, a sexualidade etc. As intelectuais negras historicamente tiveram que superar os entraves para sustentar seu processo de criação e, quando o faziam, ainda tinham que lidar com a subordinação sexista que buscou desvalorizar suas obras. O imaginário em torno *do sujeito* “intelectual” ainda é marcado pela imagem de um homem, branco, com mais de 40 anos, trajando, quem sabe, óculos, terno ou jaleco. As variações a esse imaginário são limitadas e as mulheres negras encontram-se no extremo oposto. Em diálogo com Grada Kilomba (2020) em sua leitura sobre Franz Fanon, é possível aferir que estas escritoras são “tornadas ausentes”, uma vez que, apesar de existirem, se tornam “[...] algo censurado, proibido, que se oculta à vista e ao conhecimento. Algo que não deve existir no mundo da branquitude [...]” (Kilomba, 2020, p. 14). Para complexificar e desafiar esse imaginário perpetrado pelo racismo e pela colonialidade⁴ é que é tão fundamental afirmar o trabalho das intelectuais negras em diferentes espaços e épocas, nas articulações cotidianas que têm elaborado - desde o período da escravidão -, em suas atuações nos espaços religiosos, sua importância na manutenção e preservação de ritos, saberes, músicas e danças e/ou na escrita.

É preciso aferir cada vez mais a centralidade ao trabalho intelectual dentro de uma “política do cotidiano”, por permitir entender “[...] a realidade e o mundo em volta, encarar e compreender o concreto”, sem distanciar-se da comunidade (hooks, 1995, p. 466). É,

⁴ Ao fazer uso do conceito de *colonialidade* me refiro às esferas de construção do saber, do poder e do ser, onde existem permanências profundas das lógicas e opressões coloniais na subjetividade dos povos colonizados. Essas lógicas são, como afirma Aníbal Quijano (2005), intrinsecamente racializadas; produzem e perpetuam as violências do racismo em diversas esferas sociais, cotidianas, institucionais e estruturais. Além disso, o gênero é parte central constitutiva da colonialidade, como nos afirma Maria Lugones (2008).



portanto, parte fundamental na luta por libertação, luta essa que foi sempre massivamente integrada pelas mulheres. Uma luta ancestral, composta por mulheres que foram colonizadas e escravizadas nas experiências do empreendimento colonial nas Américas, em África e Ásia, e que desde então, de diferentes formas, se posicionam contra a colonialidade e as violências dela resultantes. A escrita aparece nas elaborações de diferentes escritoras negras, de bell hooks (1995) a Lélia Gonzalez (1988), de Patricia Hill Collins (2016) a Sueli Carneiro (2003), de Esmeralda Ribeiro (1982) a Conceição Evaristo (2011), como um espaço de enunciação. Ou como diz a própria Esmeralda Ribeiro:

Escrever é um ato de vida. É o ponto de equilíbrio de saúde mental e intelectual. Incorporação literária, que contém ancestralidade, realidade, ficção, premonição. Uma relação de ativista. É ter a ilusão de escrever um conto e criar personagens, situações e soluções. Ser uma 'Deusa'. Sim, ser 'Deusa' é um exercício criativo. Escrevo para ver a vida de forma positiva (Ribeiro, 2017, p. 276).

É preciso mencionar, ainda, que Esmeralda Ribeiro também se dedicou a escrever ensaios em que a literatura, a escrita e os processos subjetivos e políticos que as envolvem foram tematizados. Diante de uma teoria literária e historiografia que tradicionalmente propuseram-se a analisar majoritariamente os autores homens e brancos e – em menor constância - as autoras brancas, Esmeralda reitera constantemente em seus textos o convite para que as próprias mulheres negras se debrucem sobre a literatura negro-feminista brasileira⁵, em uma perspectiva crítica. Em seu texto intitulado *A narrativa feminina* publicada nos *Cadernos Negros sai do quarto de despejo* (1987), a autora descreve o processo criativo fazendo menção à Carolina Maria de Jesus: afirma que o processo de visibilização da produção literária feminina negra é o movimento de saída do “quarto de despejo”, título do livro publicado por Carolina em 1960. Se o “quarto de despejo” é o “[...] pior lugar que sobrou para nós negros e negras na sociedade”, se “[...] é como se disséssemos que estamos desalojadas do nosso próprio eu” (Ribeiro, 2002, p. 230), sair do quarto de despejo parece significar caminhar para um reencontro. Segundo Marilea de Almeida (2019), em diálogo com Michel Foucault (2004) falar de si para as mulheres negras é um exercício de autorrecuperação, prática ética de cuidado de si que nunca está afastada do cuidado dos outros. Em um mundo onde as opressões de raça e gênero fazem restar pouco tempo livre às mulheres negras, ser criativa e reelaborar sua própria existência a partir da literatura torna-se

⁵ Este trabalho parte da ideia de literatura negro-feminista brasileira, aprofundando a defesa do uso do termo *negro* (Cutí, 2010) em referência a uma literatura comprometida com o combate ao racismo e *feminista* pelo tom de crítica ao patriarcado.



um ato de coragem e a ficção, abrigo. Como bem lembra Patrícia Hill Collins (2016, p. 112): “[...] sua criatividade é uma esfera de liberdade, uma esfera que a ajuda a lidar com a vida cotidiana e a transcendê-la”.

Recusa de ser invisível: A trajetória de Esmeralda Ribeiro

Se “ser invisível quando não se quer ser” (Ribeiro, 2008, p. 62) poderia ser a expressão poética do apagamento da autoria feminina negra no cenário literário nacional, escrever – apesar de – parece “a recusa de ser invisível” (Burness, 2008, p. 160). É nesta recusa que habita a obra de Esmeralda Ribeiro, jornalista, poeta, ensaísta e contista, além de integrante e coordenadora do Grupo *Quilombhoje*, desde 1982. Nascida na cidade de São Paulo, em 24 de outubro de 1958, filha de Maria de Jesus e de Luís Alves dos Santos. Formou-se em jornalismo, em uma universidade particular em Mogi das Cruzes - São Paulo. Esmeralda conta, em nossa primeira *conversa*, sobre seu encontro com a literatura e sua primeira poesia escrita:

Eu sempre gostei de estudar. A minha geração, como é sabido, dá pra contar nos dedos quem teve possibilidade de estudar. Mas eu sempre tive esse interesse e eu sou de uma geração sem internet, né? Então eu gostava muito, você tinha né, que ir ao sebo pegar livro, garimpar. Mas eu não sabia que existiam escritores e escritoras negras. Carolina, por exemplo, eu fiz minhas contas, eu tinha 18 anos quando ela faleceu. Hoje ela ocupa tantos espaços, né? Mas eu nunca tinha ouvido falar da Carolina Maria de Jesus, até por não ter muito acesso aos jornais. Mas aí, era um sábado quando meu pai faleceu. Meu pai faleceu em um sábado. Ele faleceu e eu fiz uma poesia pra ele, chamada *Era sábado*. Mas eu não pensava que eu era escritora, nada disso. Daí eu fui trabalhar, aquela correria, eu tinha que pagar a faculdade, não era a época das cotas. Eu fiz jornalismo. Pegava ônibus, todas aquelas dificuldades. Eu trabalhava em uma empresa para ajudar a pagar a faculdade, chamava EMURB, acho que ela existe ainda, Empresa Municipal de Urbanização aqui em São Paulo. Ficava em um prédio muito legal, o prédio Martinelli, um prédio histórico, antigo. Eu entrei pra Relações Públicas na faculdade, depois que eu mudei pra jornalismo. Mas daí, nessa empresa teve um concurso de poesia. Mas era assim, a gente tinha um jornalzinho xerocado, era bem feitinho, mas eram aqueles jornaizinhos de empresa. E eu participei desse concurso e eu ganhei, naquela época, uma caneta relógio. E saí no jornal. E aquilo foi me incentivando. Foi um incentivo pra continuar escrevendo. Não me pergunte como foi o julgamento, só sei que eu mandei e ganhei.⁶

Esmeralda afirma que ganhar o concurso a incentivou a se aproximar do cenário da literatura, começando a frequentar alguns encontros da União Brasileira de Escritores (UBE). Mas foi no trem que sua história com os *Cadernos Negros* começou. A escritora lembra que

⁶ (Informação verbal). Conversa entre a pesquisadora, Maria Clara Cavalcanti, e Esmeralda Ribeiro, realizada como parte desta pesquisa. Conversa realizada no dia 29 de agosto de 2021, das 19h às 20h26.



os trens eram um espaço permeado por violências e que, justamente para promover alguma segurança, reunia estudantes negros cotidianamente no terceiro vagão. Esmeralda descreve uma rotina exaustiva: era preciso pegar o trem no horário exato, um trem “direto”, sem paradas, para chegar no horário da aula. Qualquer atraso significaria ter que pegar o trem seguinte e correr o risco de nem ao menos assistir às primeiras aulas. Foi nessa experiência nos trens, no caminho para a faculdade e depois de volta dela, que Esmeralda conheceu Marinete Floriano Silva:

Aí nessa correria toda pra pegar o trem eu conheci a Marinete Floriano Silva, companheira do Cuti, e ela me disse que eu precisava conhecer o namorado dela, o Cuti, porque ele também escrevia. A gente marcou na biblioteca Mário de Andrade, não sei se você conhece, mas a gente marcou lá naquela escadaria grande e a gente ficou conversando lá fora. Eles me apresentaram os *Cadernos*, eu conheci o Cuti, conheci o Obi, eu não sei se esse dia o Márcio tava. Nessa altura eles já iam lançar o *Cadernos Negros* N°4. A ideia de fazer os cadernos foi do Hugo e do Cuti, mas quem punha mais a mão na massa era o Cuti e outras pessoas ajudavam. O Hugo pensava os *Cadernos* de uma forma diferente, de um jeito mais passageiro. Ai tava no quatro (4), eu não sei se cheguei a ir no lançamento do quarto (4°).⁷

A partir do quinto volume, escritores jovens como Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Márcio Barbosa, Oubi Inaê Kibuko, Jamu Minka e Abílio Ferreira passam a frequentar o *Quilombhoje* e auxiliar Cuti na produção dos *Cadernos*. Esmeralda lembra em entrevista da tensão que ocorreu entre as/os novas/os integrantes e os antigos – que não queriam aceitar escritoras/es tão jovens, sem publicações, no grupo - o que acabou na evasão dos membros mais antigos. A entrada da energia do novo grupo ampliou o número de autores em cada volume, a divulgação – que passou a ser feita nos bailes de *black music* já frequentados por Márcio e Oubi – além da extensão das publicações. Os *Cadernos Negros*, apesar de não definirem a trajetória literária de Esmeralda, são dela parte importante:

Foi a partir dos *Cadernos* que eu passei a conhecer Lima Barreto, Carolina, Solano Trindade, Emílio Guedes etc. Fiz quatro anos de jornalismo e nunca tinha escutado falar de Lima Barreto. Ele foi jornalista, e ninguém resgatou as crônicas que ele publicava em jornais pra discutir, nos meios acadêmicos, um silêncio total. Foi o *Quilombhoje* e os *Cadernos* que foram me puxando pra escrita.⁸

[...] O *Quilombhoje* despertou em mim a consciência de ser uma mulher preta nesse país. Sabemos que os processos, escravidão e ditadura [...] A percepção de que o Brasil não era cordial, pairava nos meus pensamentos, mas quem descortinou o racismo que sempre atravessou minha vida, foram os *Cadernos* e o *Quilombhoje*. A

⁷ (Informação verbal). Conversa entre a pesquisadora, Maria Clara Cavalcanti, e Esmeralda Ribeiro, realizada como parte desta pesquisa. Conversa realizada no dia 29 de agosto de 2021, das 19h às 20h26.

⁸ (Informação verbal). Conversa entre a pesquisadora, Maria Clara Cavalcanti, e Esmeralda Ribeiro, realizada como parte desta pesquisa. Conversa realizada no dia 29 de agosto de 2021, das 19h às 20h26.



descoberta foi simultânea, nos *Cadernos* quarto (4), volume de contos, que encontrei na presença de Cuti e Marinete, na frente da biblioteca Mario de Andrade.⁹

É importante lembrar, ainda, que a estréia de Esmeralda Ribeiro nos *Cadernos Negros*¹⁰ faz parte do momento histórico em que os diversos movimentos negros, em suas muitas expressões, se reorganizavam, bem quando os anos finais da Ditadura Militar instaurada em 1964 no Brasil iam se delineando e o mundo passava por uma efervescência cultural e intelectual que possibilitou as emergências do debate racial em múltiplas facetas. Afinal, data de 1978 a criação e articulação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNU), a explosão da *soul music* e da cultura *black power* no Brasil, a reinserção da raça no censo do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 1976, além da própria fundação da coletânea *Cadernos Negros* (Horbach, 2020). É importante pontuar que os *Cadernos Negros*, coletânea onde Esmeralda Ribeiro publicou a maior parte de seus contos e poemas, lançam anualmente, desde 1978, livros que reúnem autoras e autores negros, e é uma das expressões mais significativas da literatura negro-brasileira (Cuti, 2010). Os *Cadernos* surgiram no final da década de 1970, em um período de intensa movimentação política, onde efervesciam organizações do movimento negro que denunciavam o mito da democracia racial e combatiam a discriminação do povo negro no país.

Nesse cenário, os poemas e contos de Esmeralda apresentam as perspectivas de personagens negras - predominantemente de mulheres negras - e suas experiências atravessadas tanto pela co-constituição de opressões de gênero, classe, raça etc.¹¹, quanto por

⁹ (Informação verbal). Discurso durante a entrega da Salva de Prata aos *Cadernos Negros*, realizada no dia 14 de abril de 2023. A gravação da solenidade está disponível na plataforma [YouTube](#).

¹⁰ A história dos *Cadernos Negros* se entrecruza com a do chamado Grupo *Quilombhoje*, fundado em 1980 por importantes nomes do movimento literário negro como Cuti – também fundador dos *Cadernos Negros* –, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina e Abelardo Rodrigues. O grupo contou também com a participação de escritoras mulheres como Esmeralda Ribeiro, que se aproximou dele em 1982. O *Quilombhoje* foi fundado durante as reuniões dos autores dos *Cadernos Negros* e tinha por objetivo discutir, aprofundar e disseminar a experiência afro-brasileira na literatura, além de, a partir de 1996, começar a editar e publicar as coletâneas (Correia, 2010).

¹¹ Entendemos aqui gênero, classe, raça, sexualidade etc., como estruturas coexistentes e indissociáveis, como vem afirmando as feministas interseccionais e decoloniais. Utilizaremos aqui a noção, expressa por Maria Lugones e Yuderkys Espinosa Miñoso de que a opressão de gênero “[...] não trabalha de forma separada e está irremediavelmente *co-constituída* dentro da matriz de poder, que é moderna e colonial e, portanto, racista e capitalista” (Espinosa-Miñoso, 2022, p.427, *grifo meu*).



espaços de invenção, reinvenção e contraconduta¹², expressos no âmbito da sexualidade, do amor, do trabalho, da política, da religiosidade, do ser e estar no mundo, etc. Uma escrita, portanto, enquadrada no que Conceição Evaristo, escritora da mesma geração, chama de “*escrevivência*”: a escrita literária das mulheres negras que tem como tema suas experiências na sociedade brasileira, uma escrita politicamente carregada de subjetividade, que aciona novos referenciais e faz uso da memória para expurgar a dor (Evaristo, 2011).

Esmeralda Ribeiro: Panorama sobre sua trajetória

Começo esta parte do texto elucidando que a trajetória de Esmeralda Ribeiro não está restrita aos *Cadernos Negros*. Ela também publicou textos em outras antologias e livros durante esses mais de quarenta anos. Esmeralda é, ainda, uma das idealizadoras do Sarau *Afro Mix*, realizado na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo e uma das fundadoras do Coletivo de Escritoras *Flores de Baobá*, com quem publicou o livro *Das Raízes a Colheita* (2023), pela Editora Feminas. É neste mesmo ano de 2023, também pela Editora Feminas, que Esmeralda lançou seu primeiro livro individual fora do *Quilombhoje*, *Poemas Inacabados*.

Ao mesmo tempo, é preciso considerar a importância central de Esmeralda na manutenção do Grupo *Quilombhoje* e *Cadernos Negros*, como mencionado anteriormente. O mapeamento realizado a seguir é parcial. Primeiro, porque se concentra nos textos publicados em *Cadernos Negros*, uma vez que o rastreamento dos números da antologia em sebos e bibliotecas foi mais possível que o de outras antologias com volumes únicos em que Esmeralda foi convidada a escrever. Além disso, mesmo com a amplitude dos *Cadernos Negros*, cinco dos quarenta e quatro volumes não foram localizados por mim, até o presente momento. Isso quer dizer que não tive acesso a alguns dos livros citados aqui, apesar de saber que Esmeralda publicou neles.

Dito isso, é importante lembrar que Esmeralda Ribeiro foi uma das primeiras mulheres a escrever em *Cadernos Negros*. É importante destacar que desde o primeiro volume dos *Cadernos Negros* existiram mulheres escritoras refletindo, inclusive, sobre a própria condição como mulher negra. Em termos quantitativos, há um contrapelo: na

¹² Contraconduta entendida aqui, à luz de Michel Foucault, como novas chances de formulação da subjetividade, como a potência da construção inventiva de formas inéditas de existir e se colocar no mundo, novas maneiras de se relacionar consigo, com a vida e com os outros (Foucault, 2008; Pelegrini, 2017).



publicação de 1978, a estréia de *Cadernos*, duas mulheres e seis homens assinam poesias. Essa disparidade acompanha a trajetória dos *Cadernos Negros*, em geral: Entre 1978 e 2006, o número de escritoras era 46% do número de escritores, ou seja, menos da metade de mulheres (39) em relação aos homens (84) (Palmeira, 2010). Desde 2006, podemos aferir um considerável aumento. Entre 2006 e 2022, o número passou de trinta e nove para cento e vinte e três assinaturas de mulheres. Apesar do número inferior em relação aos escritores negros, ainda assim é importante afirmar que os *Cadernos Negros* são a antologia de maior relevância para a difusão da literatura de mulheres negras, não tendo nenhuma outra coletânea ou antologia, publicado tantas escritoras negras como ela (Palmeira, 2010; Souza, 2017). A complexidade do cenário se dá, justamente, porque cada avanço no sentido do espaço conquistado por essas mulheres escancara ainda mais as desigualdades da estrutura existente. Essa estrutura, por mais que desmobilizada pela literatura negrofeminista ao longo desses quarenta e cinco anos, se faz presente, por exemplo, no grande número de escritoras que publicaram apenas uma ou duas vezes nos *Cadernos*, como são os casos de Angela Lopes Galvão (1978; 1980) e Roseli da Cruz Nascimento (1986; 1992).

A regularidade de escrita das mulheres negras nos *Cadernos* ficou por conta de nomes como Célia Pereira, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Esmeralda Ribeiro, Lia Vieira, Miriam Alves, Ruth Souza e Sônia Fátima Conceição. Muitas das escritoras de *Cadernos* eram professoras, militantes de movimentos negros ou jornalistas e possuíam idades muito diversas, entre os 20 e os 60 anos. Algumas assinaturas em contos e poesias não assinaram outras obras e não encontrei referências sobre elas em buscas nos *sites* de literatura ou no catálogo unificado de bibliotecas de São Paulo, como foi no caso de Eliane Rodrigues da Silva, Eliete Gomes, Angela Lopes Galvão e Marta Monteiro André.

É nesse cenário que Esmeralda Ribeiro publica a primeira vez na antologia, no volume cinco (1982), assinando quatro poesias: *Preciso de um homem*, *Ser artista*, *A noite e Libito*. A edição seguinte, número seis, contou com a colaboração da edição, mas não com um texto de Esmeralda. Foi só em 1985, *Cadernos Negros*, volume oito, que o primeiro conto de Esmeralda foi publicado:

E quando eu comecei, *Ogum* foi o meu primeiro conto. Quando você começa com poesia você acha que é mais fácil. Entre aspas, entre muitas aspas mesmo. Essa era uma discussão que eu, Miriam e Sônia tínhamos. A gente achava que não ia conseguir escrever conto. Então, vimos que no *Cadernos 6*, vê lá, mais homens escreveram conto. A gente falou 'não', temos que escrever também. Aí nos



Cadernos 8 eu e Miriam decidimos nos arriscar, foi um percurso longo pra caramba, mas vamos nos arriscar, e aí eu percebi que eu adoro escrever contos.¹³

Ogum descreve o processo de reencontro com a negritude da personagem Mariana Cesário. Atravessada pela experiência do branqueamento e do racismo em diferentes espaços, a personagem é descrita a partir do fantástico e da metáfora, em um texto que desafia o mito da democracia racial. A entrada nos *Cadernos Negros*, o contato com a literatura de pessoas negras e as discussões do Grupo *Quilombhoje* tiveram papel importante para Esmeralda, “[...] na compreensão de ser uma mulher preta nesse país”¹⁴.

A seguir, estão apresentadas quatro tabelas que identificam os textos publicados por Esmeralda Ribeiro desde 1982, divididos nas categorias (I) poemas, (II) contos, (III) ensaios e (IV) livros.

Tabela 1 - Poesias publicadas por Esmeralda Ribeiro

Antologia	Ano	Número	Tipo	Títulos
Cadernos Negros	1982	5	Poesia	Preciso de um homem; Ser artista; A noite; Líbido
Cadernos Negros	1984	7	Poesia	"Saiu..."; "Amor omissão..."; Interapresentação; "Redondo a tarde..."; "Vejo no espelho..."
Cadernos Negros	1986	9	Poesia	Poesia sem título 1; Poesia sem título 2; Poesia sem título 3; Poesia sem título 4; Poesia sem título 5; Poesia sem título 6; Poema para um beijo; Ato de desespero; Poesia sem título 7; Poesia sem título 8;
Cadernos Negros	1988	11	Poesia	Fato; Enação; Rotina; Safira; Contrato; Seiva; Opções; Afeto; Ciranda; Rapto
Cadernos Negros	1990	13	Poesia	Justiça; A rainha ayo; Desfecho; Amor em três atos; Ela, Nos bastidores do desejo; Dúvida; América + 3 poesias sem título
Cadernos Negros	1992	15	Poesia	5 poemas para Rainha Quelé; E agora nossa guerreira; Jodo de luzes;
Cadernos Negros	1994	17	Poesia	Serão sempre as terras do senhor?; Trocar de máscara; Mão outra; Olha negro
Cadernos Negros	1996	19	Poesias	Vários desejos de um rio; Em nome de quem?; Enigma do amor

¹³ (Informação verbal). Conversa entre a pesquisadora, Maria Clara Cavalcanti, e Esmeralda Ribeiro, realizada como parte desta pesquisa. Conversa realizada no dia 29 de agosto de 2021, das 19h às 20h26.

¹⁴ (Informação verbal). Discurso durante a entrega da Salva de Prata aos Cadernos Negros, realizada no dia 14 de abril de 2023. A gravação da solenidade está disponível na plataforma [YouTube](#).



Cadernos Negros	1998	21	Poesias	Continuar; Êxtase.
Cadernos Negros	2000	23	Poesias	Cenas de emoções
Cadernos Negros	2002	25	Poesias	(Publicou mas não tive acesso)
Cadernos Negros	2004	27	Poesias	Ritual de ageum; Ressurgir das cinzas
Cadernos Negros	2006	29	Poesias	(Publicou mas não tive acesso)
Cadernos Negros	2008	31	Poesias	(Publicou mas não tive acesso)
Cadernos Negros	2010	33	Poesias	Afro-Arte em Nagô.
Cadernos Negros	2012	35	Poesias	Esmeralda não publica
Cadernos Negros	2014	37	Poesias	Poemas.com; Prontumomento.
Cadernos Negros	2016	39	Poesias	(Publicou mas não tive acesso)
Cadernos Negros	2018	41	Poesias	Poesia de negro é...; Sem promessas; Temperatura do amor
Cadernos Negros	2020	43	Poesias	(Publicou mas não tive acesso)

Tabela 2 - Contos publicados por Esmeralda Ribeiro

Antologia	Ano	Número	Tipo	Títulos
Cadernos Negros	1985	8	Contos	Ogum
Cadernos Negros	1987	10	Contos	Vingança de Dona Léia
Cadernos Negros	1989	12	Contos	Desejo esquecido na memória
Cadernos Negros	1991	14	Contos	Guarde Segredo
Cadernos Negros	1993	16	Contos	À procura de uma borboleta preta
Cadernos Negros	1995	18	Contos	O que faremos sem você?



Cadernos Negros	1997	20	Contos	Esmeralda não publica
Cadernos Negros	1999	22	Contos	Sempre suspeito
Cadernos Negros	2001	24	Contos	Ela está dormindo
Fourteen Female Voices from Brazil	2002	1	Contos	A procura de um borboleta preta/ In search of a black butterfly
Cadernos Negros	2003	26	Contos	Mulheres dos espelhos
Felisberto, Fernanda (Org) Terras de Palavras. Rio de Janeiro: Pallas, 2004	2004	1	Contos	(Publicou mas não tive acesso)
Women righting – mulheres escrevendo: afro-brazilian women's short fiction. (Edited by Miriam Alves e Maria Helena Lima. Bilingual edition). London: Mango Publishing, 2005.	2005	1	Contos	(Publicou mas não tive acesso)
Cadernos Negros	2005	28	Contos	Encruzilhada
Cadernos Negros	2007	30	Contos	Esmeralda não publica
Cadernos Negros	2009	32	Contos	Esmeralda não publica
Cadernos Negros	2011	34	Contos	A moça
Cadernos Negros	2013	36	Contos	Esmeralda não publica
Cadernos Negros	2015	38	Contos	Não encontrei o livro nas bibliotecas



Cadernos Negros	2017	40	Contos	Eles foram passear no cavalo de Ogum
Cadernos Negros	2019	42	Contos	Qual é o seu nome?
Cadernos Negros	2022	44	Contos	(Publicou mas não tive acesso)

Tabela 3 - Ensaios publicados por Esmeralda Ribeiro

Ano	Nome do livro em que está publicado	Tipo	Títulos
1985	Reflexões sobre a literatura afro-brasileira. São Paulo: Quilombhoje, 1985	Ensaio	Literatura infanto-juvenil
1987	Silva, Luiz (Cuti), Alves, Miriam; e Xavier, Arnaldo (orgs.) Criação crioula, nu elefante branco. São Paulo: Secretaria de Estado e Cultura, 1987 (Trabalho apresentado no I Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros).	Ensaio	A Escritora negra e o seu ato de escrever participando
1995	Finally Us. Contemporary Black Brazilian Women Writers (edited by Mirian Alves and Carolyn R. Durham, edição bilingüe português/inglês). Colorado: Three Continet Press, 1995. Callaloo, vol. 18, number 4. Baltimore: The Johns Hopkins University press, 1995.	Ensaio	Escrever, narrar, lutar
1999	Gostando mais de nós mesmos. São Paulo: Ed. Gente, 1999.	Depoimento	Depoimento
2002	DUARTE, Constância Lima et al. (orgs.) Gênero e representação na literatura brasileira. Vol. II. Belo Horizonte: UFMG, 2002	Ensaio	A narrativa feminina publicada nos Cadernos Negros sai do quarto de despejo
2018	Palmares	Ensaio	A relação afetiva entre o homem e a mulher nos Cadernos Negros



Tabela 4 - Livros

Ano	Editora	Título
1988	Quilombhoje	Malungos e Milongas
2007	Quilombhoje	Orukomi, meu nome (Infantil)
2013	Feminas	Poemas Ynacabados

Dentre os textos que tive acesso, podemos aprofundar que as temáticas - centrais e/ou transversais - de seus contos permeiam os eixos do 1. Amor, 2. Branqueamento, 3. Candomblé, 4. Cotidiano, 5. Amizade, 6. Espiritualidade, 7. Maternidade, 8. Mito da democracia racial, 9. Negritude, 10. Família, 11. Orixás, 12. Paixão, 13. Racismo, 14. Religiosidade, 15. Sexo, 16. Sexualidade, 17. Trabalho doméstico, 18. Trabalho, 19. Violência de gênero, 20. Infância, 21. Exclusão, 22. Violência simbólica, 23. Memória, 24. Aborto, 25. Erotismo, 26. Violência policial, 27. Gravidez. Podemos citar ainda um conto dedicado especialmente a produzir um intertexto: em *Desejo esquecido na memória* (1989), a escritora produz uma releitura do romance Clara dos Anjos de Lima Barreto, propondo uma perspectiva que retira a personagem principal dos lugares destinados a ela no livro original. Essa classificação segue o modelo adotado por outras pesquisadoras como Fernanda Rodrigues de Figueiredo (2009) que se propôs a mapear os assuntos abordados pelas escritoras de *Cadernos Negros* entre 1978 e 2007.

Se esse mapeamento temático, mesmo para os contos, é um indicativo útil, porém não totalizante e irreduzível da obra de Esmeralda Ribeiro, para as poesias se torna ainda mais complexo. Afinal, é preciso considerar o caráter inventivo, abstrato e amplo do gênero. Apesar disso, é possível aferir que muitas das poesias publicadas pela escritora mantiveram o tom de denúncia presente em diferentes contos. Como no poema de Esmeralda Ribeiro (1990) que, em referência ao nome dado às mulheres que recolhem lixo no interior de São Paulo, recita:

Dívida

Se a Margarida flor
É branca de fato
Qual a cor da Margarida
Que varre o asfalto?
(Ribeiro, 1990, p. 17).



Ou seja, assim como a historiadora Beatriz Nascimento (2006) denunciava a exploração do trabalho das mulheres negras em 1976, e a intelectual Lélia Gonzalez (1988) estava na década de 1980 chamando atenção para o fato de que a maior parte das mulheres trabalhadoras domésticas ou em serviços de baixa remuneração eram mulheres negras, Esmeralda Ribeiro elabora uma poesia que dá o tom de uma denuncia que parte da co-constituição de opressões entre gênero e raça. Enquanto certas parcelas dos movimentos feministas, desde a década de 1920, pautavam o direito ao trabalho fora de casa para as mulheres no Brasil, mulheres pobres e negras já ocupavam as ruas, as fábricas, o comércio e diferentes espaços com sua força de trabalho – geralmente super explorada, com duplas e triplas jornadas (Carneiro, 2003).

Como pudemos observar nas tabelas apresentadas, desde sua entrada nos *Cadernos Negros* em 1982, Esmeralda não publicou textos em pouquíssimos números. Além das publicações nos volumes anuais, esteve presente em *Cadernos Negros: os melhores contos* e *Cadernos Negros: os melhores poemas*, ambos de 1998. Seus textos foram incluídos também nas antologias *Quilombo de palavras*, *Pau de sebo*, *Moving beyond boundaries*, *Enfim nós/Finally us* e *Fourteen female voices from Brazil: Interviews and works*, além das revistas especializadas *Brasil/Brazil* e *Callaloo*. Há uma nítida identificação com a postura da chamada Geração *Quilombhoje* de privilegiar a publicação coletiva em detrimento da obra individual. Prova disso é que, até 2023, data da publicação do seu livro *Poemas Ynacabados* pela Editora Feminas, as únicas obras individuais de esmeralda foram o livro *Malungos e Milongas*, publicado em 1988 e o infantil *Orukomi*, de 2007 e, mesmo assim, vinculadas ao *Quilombhoje*. Desde 1999, a coordenação do grupo, assim como as publicações dos *Cadernos*, ficou sob a responsabilidade de Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa – contando, como sempre, com um contingente de apoiadoras/es sempre creditados nos livros.

Em seu trabalho na coordenação do *Quilombhoje Literatura*, Esmeralda Ribeiro também investiu em divulgar e publicar escritoras negras. Afinal, contam-se décadas que o *Quilombhoje* existe sob a coordenação de Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa, período em que o número de mulheres negras assinando contos e poesias cresceu exponencialmente. Foi sob sua coordenação, por exemplo, que, em 2010, o *Quilombhoje* publicou, em parceria com a Prefeitura de São Paulo a antologia *Escritoras de Cadernos Negros (Contos e Poemas Afro-brasileiros)*. O livro tem por objetivo celebrar e trazer à luz a escrita negrofeminista



publicada em *Cadernos*, “[...] podendo assim acolher suas demandas, suas esperanças, suas reflexões traduzidas em tinta sobre a página” (Ribeiro & Barbosa, 2019, p. 13). Além disso, Esmeralda Ribeiro é integrante do coletivo *Flores de Baobá*, responsável por um trabalho importante de compartilhar escritas, divulgar literatura e construir ações para o crescimento da literatura de mulheres negras.

Dessa forma, é possível afiançar um ativismo literário, político, antirracista e feminista que marca a trajetória de Esmeralda Ribeiro, inclusive quando o processo de escrita e publicação não se dá apenas de forma individual, mas também coletiva. A possibilidade de uma existência literária completa e singular, com suas características específicas, complexas, recursos literários e afins - presentes nos contos e poesias de Esmeralda - convivem com uma atuação de mobilização de espaços de editoração e publicação, especialmente a partir do *Quilombhoje* e do *Flores de Baobá*, que dão o tom de mais uma camada especialmente política que a literatura de mulheres negras assume no Brasil.

A encruzilhada aponta caminhos abertos

Segundo Molefi Kete Asante (2019) Makini é um nome de origem suaíli, etnia que reside majoritariamente na costa leste do continente africano. Makini é também o nome de uma das personagens fabuladas pela escritora Esmeralda Ribeiro, uma das que receberam de Esmeralda nomes que têm origem no continente africano. Esta personagem em específico é a terceira filha de Dona Estela. No conto intitulado *Encruzilhada*, Makini, sua mãe e as irmãs estão em um ônibus, acompanhadas de um robalo de vinte quilos, equilibrado e manejado para ser transportado até em casa. O trajeto no ônibus é marcado pelas observações e reflexões de Makini, que se atravessam de forma não linear e apresentam diferentes camadas das relações entre gênero, raça, classe, etc.

A primeira camada que pode ser analisada neste conto diz respeito às relações familiares entre as quatro mulheres. Enquanto Dona Estela e as irmãs de Makini são descritas como interessadas em cigarro e forró, chegando a vender os passes de ônibus que recebiam de um político para desfrutá-los, Makini é afeita a bibliotecas, centros culturais e livros de poesia. O profundo descolamento de Makini é iminente na narrativa. Ela se ressentida e reflete criticamente sobre a realidade da família e suas relações. Enquanto todas aceitam passar por baixo da catraca para economizar os passes para a diversão, Makini paga o seu. A



personagem parece, inclusive, cultivar certo ar de superioridade em relação a sua mãe e irmãs, o que demonstra que se, por um lado, suas reflexões são bem vindas no sentido de torná-la crítica e atenta às violências de sua própria realidade, ao mesmo tempo há um afastamento que é sentido, com tristeza, pelas demais integrantes da família. Quando Makini se recusa a passar por baixa da catraca, a mãe e irmãs se ressentem: “Elas tinham que parecer unidas, por que Makini agiria diferente?” (Ribeiro, 2005, p. 58).

Essa distância aparece em seu ápice em um episódio central da narrativa do conto: expressões de violência praticadas pela mãe contra Makini. Horas antes do episódio do ônibus, estavam as quatro esperando longas horas em uma fila pelo peixe prometido por um político apoiado por Dona Estela. Na verdade, Makini se encarregou de pegar a senha e esperar horas em pé, enquanto a mãe e as irmãs fumavam sentadas no chão. Em dado momento, Makini passa a reclamar do político e da qualidade de seus “presentes”. É nesse momento que sua mãe a profere um tapa, que motiva o ódio de Makini, que se soma a raiva e a vergonha de toda uma trajetória atravessada por violências:

Makini parecia um modelo vivo, permanecera parada, estava cega, mas era de ódio. Mas talvez não fosse só ódio de sua mãe, lembrou-se de quando tinha dez anos, na escola, fizera a prova à lápis e recebera também um tapa de sua professora loira. Chorou de vergonha de seus colegas de classe, como chorou na fila do peixe. Os tapas eram gás paralisante para Makini (Ribeiro, 2005, p. 55).

A tensão entre Makini e a mãe são gancho para outra camada importante presente no conto: a leitura e as elaborações sobre as complexidades da política sugeridas por Esmeralda Ribeiro. É importante lembrar que se, por um lado, a década de 2000 foi marcada por uma significativa redução da desigualdade social no Brasil - em 2006, o país atingiu o nível mais baixo de desigualdade de renda dos últimos 30 anos, até então - por outro, ainda ocupávamos lugar entre os 6% mais desiguais do mundo. A família da protagonista do conto vive em uma casa de um quarto e um banheiro apenas, Makini tem um emprego de baixíssima remuneração e a família está sempre em busca, coletivamente, por auxílios sociais. Pertencentes à classe baixa, mais uma vez, Makini diverge de sua mãe: enquanto a primeira não acreditava nos políticos, “[...] porque a vida de sua mãe e de suas irmãs nunca iam para frente, só as dos políticos” (Ribeiro, 2005, p. 55), sua mãe acreditava que se fosse eleito, o político que doava o peixe governaria para os pobres. Essa crença a motivou a embrulhar o peixe em cartazes da campanha. É preciso lembrar que o Brasil viveu sua primeira eleição representativa após mais de 20 anos de ditadura militar, apenas em 1989. O que o conto de



Esmeralda Ribeiro parece mobilizar são temas caros não só para o período de sua publicação, mas para a história do período democrático no Brasil: compra de votos, a esperança e a desesperança na via política, políticas sociais e populistas, imaginário político etc.

As nuances do conto não se esgotam aí. As relações raciais são também centrais. Ao tentar passar por baixo da roleta, Dona Estela fica entalada. Nesse momento, todo um esforço coletivo é feito para desentalá-la e as reações externas são diversas: Makini ri, as irmãs se preocupam em tapar as partes íntimas da mãe, os outros negros do ônibus desviam o olhar com vergonha: “Negros que estavam sentados atrás o ônibus desviaram os olhares daquelas que envergonhavam a raça. Todos desviam o rosto quando deparam na rua com crianças sujas, bebês com suas mães dormindo nas calçadas” (Ribeiro, 2005, p. 58). A associação entre esses dois comportamentos parece fazer menção a uma dupla perspectiva: por um lado, a complexidade das reações das pessoas diante da pobreza e da desigualdade, um sintoma do reconhecimento/distanciamento diante da linha tênue entre si e o outro. Por outro, a simplicidade de um processo de negação. A própria mãe da Makini diz em certo momento que “[...] o que os ouvidos não escutam, não fere o coração” (Ribeiro, 2005, p. 55).

Outra metáfora da violência se elabora no conto: na tentativa de cobrir as partes íntimas da mãe, uma das filhas acaba rasgando-lhe o vestido. A solução dada por Makini é cobrir a mãe com o robalo. O resultado, entretanto, é a criação de uma associação imagética para a mãe:

O bicho escorregou por entre as pernas de Dona Estela, que se apavorou com aquela cena: o peixão de olhos abertos, arregalados para ela. A mulher lembrou-se dos presuntos encontrados na esquina de sua casa, geralmente jovens, com os olhos abertos, arregalados, com a boca aberta como a daquele peixão. As coxas friccionavam freneticamente uma na outra. Dona Estela virou o rosto como sempre virava quando se deparada com os defuntos jovens da vida [...] (Ribeiro, 2005, p. 56).

A associação entre o robalo e jovens assassinados, entre a pobreza e a violência, entre a violência e as estratégias de sobrevivência são marcantes no conto. Assim como os passageiros negros que viram o rosto para não ver Dona Estela entalada na catraca, ou como Dona Estela vira o rosto para não ver os corpos jovens assassinados, o conto desnuda e tematiza a complexa relação entre viver e resistir diante das violências de raça, gênero e classe que os corpos subalternizados estão submetidos. Estes corpos não aparecem, entretanto, como vítimas inertes, mas são elaborados em suas complexidades. Possuem agência, escolhem não pagar passagem para ir ao forró, optam por esperar na aposta da



eleição de um político, buscam as estratégias de sobrevivência ao passo que significam e experienciam as camadas estruturais e subjetivas do racismo na sociedade brasileira.

Essas camadas possuem muitas outras possibilidades de análise, suficientes para um artigo apenas dedicado a elas. O que aqui quero marcar é não só a pertinência dos temas elaborados por Esmeralda Ribeiro até aqui, como também a maneira como se constituem. Ao final do conto, enquanto o motorista decide parar para esperar os bombeiros resgatarem Dona Estela, Makini assume o controle de seu destino. A encruzilhada é o lugar em que o ônibus para e o flerte da personagem com “desaparecer sem olhar para trás”, se realiza:

Suas irmãs, desorientadas, distraídas, não viram Makini passar batom, tirar algumas escamas debaixo de suas unhas, arrumar a mochila nas costas e dar novamente o sinal. Iria descer, iria embora. O ônibus parou em uma encruzilhada, [...] Makini desceu e, decidida, arrumou novamente a mochila nas costas, apertou os passos e sumiu na multidão (Ribeiro, 2005, p. 67).

A encruzilhada é um ponto fulcral. É determinante, é o fim da narrativa e um começo que se apresenta a partir de possibilidades inéditas, deixadas em aberto. A encruzilhada é o fim e o começo para Makini. A encruzilhada é uma metáfora. Esmeralda nos parece dizer que, diante da colonização, do racismo, da misoginia e afins, a encruzilhada é esse fim e começo possíveis. É o começo do encontro dessas opressões, não entendidas de forma separada, mas em seu encontro mais profundo e atravessamentos. É o fim no sentido da transgressão, da invenção de novos parâmetros, do trilhar novos caminhos, direções e poéticas que combatem a monologização do mundo. É, como afirma Leda Maria Martins (1997), uma possibilidade epistemológica de produção de conhecimento criada a partir das concepções filosóficas de culturas africanas e afrobrasileiras. A encruzilhada, segundo Martins (1997; 2003), é o lugar do encontro, da transgressão, da invenção de novos parâmetros, rumos e poéticas que combatem a monologização do mundo incrustada pelo colonialismo. Se a complexidade das existências das mulheres negras, em toda sua contradição e potencialidade, foi, por muito tempo, esquecida ou estereotipada pela história, literatura e afins, a escrita das mulheres negras parece compor o que Luiz Rufino chama de um combate ao esquecimento que se torna “[...] uma das principais armas contra o desencante do mundo” (Rufino, 2019, p. 16).

É possível, portanto, partir da elaboração de pensadoras como Esmeralda Ribeiro e Leda Maria Martins (2003) sobre a ideia de *encruzilhada*, para pensar as relações entre a literatura e a construção de seu pensamento sobre gênero, raça, sexualidade, classe,



maternidade e afins, no Brasil. Entendo, portanto, a produção literária de Esmeralda Ribeiro como a elaboração de um pensamento na *encruzilhada*: ao passo que mobiliza, averigua, destrincha as relações sociais e políticas no Brasil por mais de 40 anos, período em que escreve e publica, também propõe estratégias e construções epistemológicas que combatem o racismo, o patriarcado, a misoginia, etc.

Essa perspectiva se aproxima ao que feministas decoloniais como Maria Lugones (2008) e Yuderkys Espinosa-Miñoso (2014) querem dizer com a ideia da *co-constituição de opressões*, ao pensarem nas relações entre raça, gênero, classe etc. Sob este ponto de vista, não seria possível entender essas categorias de forma separada, por mais que atuem de formas diferentes e incidam de diversas maneiras sob os corpos e contextos, tão distintos no mundo. Mas se relacionam, atravessam, aproximam e se distanciam. Assim também são as experiências culturais, subjetivas e políticas de mulheres e homens que, resistindo à colonialidade, de diferentes maneiras, produziram conhecimento a partir de suas práticas.

A *encruzilhada* se torna, portanto, uma prática/lógica que nos permite tanto realizar leituras de mundo, como sonhar com novas construções, mais justas, para ele. Afasta, portanto, qualquer pensamento que se pressuponha estritamente linear ou evolutivo e abre espaço para caminhos e descaminhos. A *encruzilhada* é uma ideia/prática bem-vinda para análise da literatura negrofeminista de Esmeralda Ribeiro, assim como a de outras escritoras, também porque é uma palavra que parte de dentro dos próprios textos delas. O que o conto de Esmeralda Ribeiro – e sua trajetória descrita aqui – parecem nos inspirar é justamente a abrir espaço nas relações entre literatura, história e política, sem desconsiderar o caráter ficcional e inventivo da primeira, nem o potencial de leitura e crítica do mundo das duas últimas. Estão elas também – literatura, história e política – na intempérie da *encruzilhada*.

Esta proposição de Esmeralda Ribeiro se faz contra-colonial em sua própria proposta de nomeação das coisas. É preciso lembrar Antônio Bispo dos Santos e sua defesa de que há uma “guerra de denominações”: se os “colonialistas”, como chama Nego Bispo, insistem em dar nome às coisas como bem entendem, a partir de seu ponto de vista, geralmente subjugando tudo que é popular, não-branco, negro, indígena, etc., disputar o nome é essencial. A *encruzilhada* é assim uma *palavra germinante* (Santos, 2021) que, bem mais do que um conceito, é a esperança de um olhar contra-colonial na própria elaboração contraditória entre diferentes espaços de saber.



Este texto se elabora assim no desejo se refletir sobre a *encruzilhada* a partir de seus mistérios e possibilidades, se afastando de definições, mas acreditando na potência que sua elaboração possui, a partir de Esmeralda Ribeiro, Leda Maria Martins (2003) e Antônio Bispo dos Santos (2021), para contra-colonizar nosso pensamento. Nas palavras de Nego Bispo:

[...] na verdade as encruzilhadas são espaços germinantes. Não são um conceito, e esse que é o grande debate. A academia vive insistindo para que nossas palavras sejam palavras tratadas como conceito, mas nossas palavras não são conceitos. As nossas palavras são germinantes, são sementes. Nós da oralidade somos lavradores e lavradoras de palavras, mas na escrita também se lavra palavra. O papel vem da madeira, então o papel tem vida. A tinta também, às vezes, vem da madeira, mas venha de onde vier, a tinta tem vida. Então colocando a tinta no papel eu estou plantando palavras. As letras são sementes e, quando eu escrevo, eu estou semeando letras sementes que vão germinar em forma de palavras nas bocas de várias pessoas. Essas palavras vão ser armazenadas nas mentes e vão alimentar. Elas são alimentos, são frutos que vão alimentar os sentidos, todos os sentidos. E assim as palavras vão nos movendo pela oralidade, pela escrita ou pelas imagens (Santos, 2021, p. 20).

Referências

Almeida, Mariléia de. A voz, a coragem e a ética feminista. *In: hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.* São Paulo: Editora Elefante, 2019.

Alves, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In: Alves, Nilda & Oliveira, Inês Barbosa de (Orgs.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes.* 3ª Ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

Asante, Molefi Kete. **O livro dos nomes africanos.** Afrocentricidade Internacional, 2019.

Burness, Donald. A recusa de ser invisível. *In: Ribeiro, Esmeralda & Barbosa, Márcio. (Orgs.). Cadernos Negros, três décadas: ensaios, poemas, contos.* São Paulo: Quilombohoje; Brasília: SEPIR, 2008.

Carneiro, Aparecida Sueli. Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In: Ashoka Empreendimentos Sociais & Takano Cidadania (Org.). Racismos contemporâneos.* Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

Collins, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n.1, p. 99-127, 2016.

Correia, Severino do Ramo. **Quilombohoje: um tambor expressando as vozes literárias negras.** Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade), Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, 2010.

Cuti (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo. Negro, 2010.



Evaristo, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *In*: Silva, Denise Almeida; Evaristo, Conceição. (Org.). **Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana**. Frederico Westphalen: URI, 2011.

Espinosa-Miñoso, Yuderkys. De pôr qué es necesario un feminismo descolonial: diferenciación, dominación co-constitutiva de la modernidad occidental y el fin de la política de identidad. **Solar**, v. 12, n. 1, p.141-171, 2016.

Espinosa-Miñoso. Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. **Cotidiano**, v. 184, p. 7-12, 2014.

Figueiredo, Fernanda Rodrigues de. **A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações**. Dissertação. (Mestrado em Letras), Belo horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2009.

Foucault, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *In*: **Ditos & Escritos - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

Foucault, Michel. **Ditos e Escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. 2. Ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

Galvão, Angela Lopes. Negro-negro. *In*: **Cadernos Negros vol. 01**. São Paulo: [s.l], 1978.

Galvão, Angela Lopes. Na vala profunda. *In*: **Cadernos Negros vol. 02**. São Paulo: [s.l], 1980.

Glissant, Édouard. **Poética da Relação**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021

Gonzalez, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis Internacional. Santiago**, v. 9, pp. 133-141, 1988.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

hooks, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

Horbach, Ana Laura. Autoria e resistência negra na ditadura civil-militar no Brasil. **Nau Literária**, v. 16, n.1, p. 158-176, 2020.

Kilomba, Grada. Fanon, existência, ausência: Prefácio. *In*: Fanon, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020

Lugones, María. The Coloniality of Gender. **Worlds & Knowledges Otherwise**, 2008, 1-16.



Martins, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o Reinado do Rosário no Jatobá. Belo Horizonte: Mazza, 1997.

Martins, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Revista Letras**, v. 26, p. 63-81, 2003.

Nascimento, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: RATTI, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

Nascimento, Roseli da Cruz. Poesia sem título. In: **Cadernos Negros vol. 09**. São Paulo: [s.l.], 1986,

Nascimento, Roseli da Cruz. Poesia sem título. In: **Cadernos Negros vol. 15**. São Paulo: [s.l.], 1992.

Palmeira, Francineide Santos. **Vozes femininas nos cadernos negros**: representações de insurgência. Dissertação (Mestrado em Letras), Salvador: Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2010.

Pelegri, Mauricio. Foucault e a sociedade neoliberal: O trabalhador como “empresário de si”. In: Tonetti, Ana Carolina; Nobre, Ligia V.; Mariotti, Gilberto & Barossi, Joana. (Orgs.). **Contracondutas**: ação político-pedagógica. São Paulo: Editora da Cidade, 2017. p. 97-101.

Quijano, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgard. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Ribeiro, Esmeralda. **Malungos e milongas**. São Paulo: Edição da autora, 1988.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 5**. (Org. Quilombhoje). São Paulo: Edição dos Autores, 1982.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 8**. (Org. Quilombhoje). São Paulo: Edição dos Autores, 1985.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 10**. (Org. Quilombhoje). São Paulo: Edição dos Autores, 1987.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 12**. (Org. Quilombhoje). São Paulo: Edição dos Autores, 1989.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 14**. (Org. Quilombhoje). São Paulo: Edição dos Autores, 1991.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 16**. (Org. Quilombhoje). São Paulo: Edição dos Autores, 1993.



Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 18.** (org. Quilombhoje). São Paulo: Quilombhoje: Editora Anita, 1995.

Ribeiro, Esmeralda. **Finally Us.** Contemporary Black Brazilian Women Writers (edited by Mirian Alves and Carolyn R. Durham, edição bilingüe português/inglês). Colorado: Three Continet Press, 1995.

Ribeiro, Esmeralda. **Callaloo**, vol. 18, number 4. Baltimore: The Johns Hopkins University press, 1995.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 20.** (org. Quilombhoje). São Paulo: Quilombhoje: Editora Anita, 1997.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 22.** (Org. Quilombhoje). São Paulo: Quilombhoje, 1999.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 24.** (Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa). São Paulo: Quilombhoje, 2001.

Ribeiro, Esmeralda. **Fourteen Female Voices from Brazil: interviews and works.** (Org. Elzbieta Szoka). Austin: Texas: Host Publications, Inc., 2002, p. 238-244.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 26.** (Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa). São Paulo: Quilombhoje, 2003.

Ribeiro, Esmeralda. **Terras de palavras.** (Org. Fernanda Felisberto). Rio de Janeiro: Pallas: Afirma, 2004.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 28.** (Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa). São Paulo: Quilombhoje, 2005.

Ribeiro, Esmeralda. **Women righting** – mulheres escre-vendo: afro-brazilian women's short fiction. (Edited by Miriam Alves e Maria Helena Lima. Bilingual edition). London: Mango Publishing, 2005.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 30.** (Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa). São Paulo: Quilombhoje, 2007.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 32:** contos afro-brasileiros. (Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa). São Paulo: Quilombhoje, 2009.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 34:** contos afro-brasileiros. (Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa). São Paulo: Quilombhoje, 2011.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 36:** contos afro-brasileiros. (Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa). São Paulo: Quilombhoje, 2013.



Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 38**: contos afro-brasileiros. (Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa). São Paulo: Quilombhoje, 2015.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros 40**: contos afro-brasileiros. (Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa). São Paulo: Quilombhoje, 2017.

Ribeiro, Esmeralda. **Cadernos Negros**: contos afro-brasileiros 42. (Org. Márcio Barbosa, Esmeralda Ribeiro). São Paulo: Quilombhoje, 2019.

Rufino, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

Sampaio, Carmen Sanchez. Redes coletivas de (auto)formação docente: narrativas, experiências e a (re)construção de saberes e fazeres alfabetizadores. In: Moraes, Dislane Zerbinatti; Lugui, Rosana Silvario. (Orgs.). **Docência, pesquisa e aprendizagem**: (auto)biográficas como espaços de formação/investigação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018.

Santos, Antônio Bispo dos. Palavras germinantes - Entrevista com Nego Bispo. **identidade!**, v. 26, n. 1 e 2, p. 14-26, 2021.

Souza, Florentina. **Mulheres Negras Escritoras**. Revista Crioula, n. 20, p. 19-39, 2017.

Submetido em: 16 de janeiro de 2024

Avaliado em: 19 de fevereiro de 2024

Accito em: 29 de fevereiro de 2024